

VII
CONGRESSO
LUSO-BRASILEIRO
de História da Educação



Escola Caele Ferreira - Fundação (Associação da Educação)

A (re)construção da identidade portuguesa na imprensa imigrantista do Rio de Janeiro: a História de Portugal na revista 'Lusitania' (1929-1934)

Carla Mary S. Oliveira¹
Universidade Federal da Paraíba - Brasil

EIXO 1 – Circulação de ideias, discursos e modelos educativos; manuais, imprensa e iconografia

Ao modo de apresentação

Este trabalho pretende lançar algumas bases para a compreensão do processo de (re)construção da *identidade* portuguesa no Brasil, através de uma fonte específica: a revista *Lusitania*, editada na antiga capital brasileira entre 1929 e 1934.

Lusitania fazia parte de um conjunto de publicações que circulava no Rio de Janeiro durante a Primeira República e início do período getulista, tendo como produtores e leitores os imigrantes portugueses de classe média e classe média alta da cidade, bem como seus descendentes. De esmerado projeto gráfico, com capas impressas em policromia e papel *couché*, profusamente ilustrada com fotos e gravuras em preto e branco, *Lusitania*, tal qual suas congêneres, destinava-se à divulgação de fatos relativos tanto à colônia portuguesa instalada no Brasil como, também, em outras partes do mundo. Os valores exaltados em suas capas sempre gravitavam em torno da herança do *vasto império*, da rica literatura portuguesa, especialmente da figura de Camões; de personagens com trajes típicos das aldeias portuguesas, de monumentos e de vultos históricos lusos.

¹ Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Paraíba - Brasil



Fig. 1 - Capa do nº 81 de *Lusitania* (1º jun. 1932).

Destaque para Camões e as naus.



Fig. 2 - Capa do nº 85 de *Lusitania* (1º ago. 1932).

Aldeã à frente de igreja medieval.

Tendo como dístico a aproximação entre o Novo e o Velho Mundo, publicou a partir de 1932 uma de suas colunas mais importantes e significativas, “As noites do avôzinho”, dedicada à História de Portugal, onde a grandeza e a predestinação empreendedora do povo luso eram constantemente reforçadas. Se pode afirmar que nas famílias que a colecionavam, *Lusitania* complementava a educação formal, pois a leitura de suas páginas pelas gerações mais novas lhes ensinava o significado de *ser português*, mesmo do outro lado do Atlântico, bem longe das águas do Tejo.

A proposta editorial da revista era a base de um projeto que pretendia não deixar perder-se a identidade lusa dos imigrantes chegados ao Brasil, especialmente pelo fato de que desde o XIX havia um acirrado espírito antilusitano na imprensa carioca, motivado tanto pelas questões ligadas ainda à Independência mas, também, ao predomínio dos portugueses em certas atividades comerciais e funções laborais urbanas, o que “roubava” o trabalho dos brasileiros, no dizer da época. Utilizando as categorias propostas por Pierre Bourdieu - especialmente “*habitus*”, “*campo*” e “*capital simbólico*” - pretende-se analisar uma das características principais do discurso impresso em *Lusitania*: o elogio à herança histórica de Portugal.

Essa herança tinha muito mais importância na (re)construção da *identidade portuguesa* no Brasil do que o discurso da modernidade do primeiro editorial da revista: se constituía em elemento fulcral para a perpetuação da memória social e cultural de seus leitores, sujeitos em embate cotidiano com o preconceito e os estereótipos construídos no imaginário carioca à sua revelia. Pode-se afirmar que *Lusitania* foi a cristalização do *habitus* que a classe dirigente da colônia luso-carioca - ou, de modo mais específico, que a intelectualidade que reproduzia seus ideais - queria ver divulgado e aceito pelos formadores de opinião dentro do universo dos imigrantes e, também, na sociedade fluminense da década de 30 do século XX.

Afinal, “A Que Vem” *Lusitania*?

Louvar a *terrinha*, cultivar as tradições, reviver a História da *Nação Lusa*, informar-se sobre o cotidiano em África, sentir-se parte do “vasto império” português. *Lusitania* traz esse interessantíssimo painel, retratando a colônia portuguesa no maior centro urbano brasileiro à época, num período marcado por intensa efervescência política e social e, também, pela transição da Revolução de 30 e conseqüente consolidação do getulismo.

Mergulhar em suas páginas significa, de imediato, travar contato com o universo de signos e significados que contribuíram para a construção do “ser” imigrante português no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30 do XX, adentrando a profunda trama de relações e convenções sociais que se sobrepuseram ao apenas “ser português” para daí surgir a *identidade de ser imigrante português* nos trópicos da ex-posseção lusitana. Este fenômeno, a *constituição de uma identidade coletiva específica*, encontra em *Lusitania* uma fonte privilegiada.

Entendendo que analisar o contexto da publicação desse periódico significa debruçar-se sobre *um fato cultural* - ou seja, partindo do pressuposto de que não se pode estudar a cultura através de generalizações universalizantes, mas sim de particularidades em que se inter-relacionam a psique, a sociedade e o indivíduo (Geertz, 1978: 52-53) - estaremos somente nos aproximando da compreensão do que era *ser imigrante português* nas ruas cariocas do início do século XX. Desse modo, por mais que busquemos o sentido da identidade do imigrante d'além mar em *Lusitania*, só a vislumbraremos de modo fugidio, só o conseguiremos de forma incompleta: podemos, sim, avançar no entendimento do que significou a “cultura” que originou tal identidade.

Como vivia o leitor de *Lusitania*? Destaque-se que o Rio de Janeiro era, logo no começo do século XX, uma efervescente capital de pouco mais de 800.000 habitantes, dos quais cerca de 25% era de nacionalidade estrangeira e, desses, mais da metade portugueses². Tratava-se de uma metrópole que respirava ares de modernidade: Pereira Passos reformulava o centro da cidade com o “*bota-abaixo*”, expulsando para a periferia os trabalhadores pobres que antes habitavam os cortiços da área próxima ao cais do porto; Oswaldo Cruz lutava contra as doenças infecto-contagiosas que empestavam becos, ruelas, cortiços e riachos cariocas – o que também impulsionava a reorganização do espaço urbano da Capital Federal – ao mesmo tempo em que a classe média alta e endinheirada descobria a orla de Flamengo e Botafogo e começava a construir lá, “longe da imundície”, seus espaçosos sobrados decorados com arabescos *Art Nouveau*.

Isso tudo acontecia no início do século XX. O Rio de Janeiro, contudo, começara a se tornar um pólo da colônia portuguesa ainda nos últimos anos do XIX: a cidade recebeu um fluxo contínuo de imigrantes lusitanos, especialmente após 1890 (Chalhoub, 1986: 25). Ao enorme exército de mão-de-obra disponível formado por brasileiros – fossem eles brancos pobres, mestiços ou negros recém-libertos – somaram-se os portugueses que fugiam da grave crise econômica que se abatera sobre a zona rural de Portugal a partir de então.

O início da República portuguesa, em 1910, só fez aumentar a “debandada” para o Brasil. No entanto, ao invés de trabalhadores pobres e, na maioria das vezes, iletrados, os portugueses que começaram a aportar no Rio de Janeiro naquela década eram da classe média: emigravam para se fixar no Brasil, levando um pequeno capital financeiro ou cultural e com o objetivo expresso de se tornar empreendedores ou profissionais liberais. Na verdade, segundo Alvim, no Rio de Janeiro “*os portugueses dominaram os negócios de atacado e varejo mais do que outros*

² Dados do censo de 1906, na cidade do Rio de Janeiro: população total - 811.443; estrangeiros – 210.515; portugueses – 133.393 (Chalhoub, 1986: 24-26).

imigrantes de qualquer nacionalidade" (1998: 285)³. O sonho desses imigrantes era bem diferente dos que haviam chegado anos antes, buscando enriquecer para, algum dia, retornar à *terrinha*. Esses novos lusos chegados ao Brasil fugiam, também, das disputas políticas entre republicanos e monarquistas que passaram a agitar seu país e, depois de 1914, da Grande Guerra que assolava a Europa (Pereira, 2002).

Foi essa conjuntura que deu subsídios para o surgimento de *Lusitania*. Formara-se no Rio de Janeiro, entre 1890 e 1929, uma sólida comunidade de imigrantes portugueses de classe média⁴, acrescida de seus descendentes, quase sempre ligada ao comércio e que iria se constituir no universo cujas aspirações, concepções de mundo, convicções políticas e convivência social passaram a ser retratadas pela revista, nos seus quase seis anos de existência.

Surgida no final dos anos 20, ela era um periódico feito *pela e para* a classe média dessa colônia. Seus leitores estavam interessados nos destinos políticos da Nação portuguesa mas, também, nos jogos disputados por clubes de *football* locais como o Vasco da Gama e o Botafogo, nos bailes de carnaval, nas festas do Dia da Colônia, na leitura de artigos sobre a História de Portugal e em notícias sobre as colônias lusitanas espalhadas pelo mundo afora. Suas páginas eram feitas para informar mas também para, principalmente, *entreter* os patrícios bem sucedidos e suas famílias⁵ e alimentar a construção de sua nova identidade em terras estrangeiras, reforçando elementos e signos considerados dignos de atenção por seus editores. É possível abordar o conjunto de práticas cristalizado em *Lusitania*, portanto, como fatos simbólicos passíveis de decifração, no mesmo sentido proposto por Pierre Bourdieu.

Um olhar sobre *Lusitania*

Apesar de ter tido importância considerável no que diz respeito à formação social, econômica e cultural do Brasil no século XX, a imigração de origem portuguesa só recentemente – especialmente nas últimas três décadas – tem suscitado, de modo mais freqüente, pesquisas acadêmicas no Brasil⁶. Assim, *Lusitania* poderia ser considerada apenas como uma pequena parte de um campo mais amplo. Contudo, é possível tomá-la como a cristalização de uma parte significativa dele: aquela que representa as posições de poder existentes no universo luso-carioca e, por extensão, luso-brasileiro.

³ Mais que dominar o comércio no Rio de Janeiro, 39,75% dos portugueses residentes no Brasil morava naquela cidade em 1920.

⁴ Como qualquer comunidade de imigrantes estrangeiros no Brasil e na América em geral, a colônia portuguesa no Rio de Janeiro era formada, em sua grande maioria, por pessoas pobres que haviam fugido da miséria e da fome na Europa para encontrar, além mar, apenas um meio de continuar sobrevivendo e não, como haviam sonhado, a *Fortuna*. Foram poucos os que conseguiram amealhar algum patrimônio. Entre esses, provavelmente, estavam os leitores de *Lusitania*. Contudo, a possibilidade de enriquecer na América era uma idéia generalizada no imaginário da época, embora a realidade do Novo Mundo fosse bem mais dura.

⁵ O preço da assinatura anual (24 exemplares) de *Lusitania* para o Brasil, em 1932, era de 40\$000, o número avulso era vendido a 2\$000 e os atrasados a 3\$000. Segundo Angela de Castro Gomes, um bom par de sapatos masculinos custava cerca de 30\$000 em 1927 (1999: 58).

⁶ Os estudos mais recentes sobre o tema desenvolvidos no Brasil gravitam, na maioria dos casos, em torno dos aspectos históricos da imigração portuguesa. Contudo, deve-se ressaltar que apesar de acadêmicos (por terem sido produzidos como teses ou dissertações ou, ainda, representar o resultado de pesquisa desenvolvida no meio universitário) revelam uma preocupação com o resgate do cotidiano social de um grupo que, apesar de sua representatividade numérica, foi quase que relegado ao esquecimento quando se fala de imigração no Brasil, já que a maior parte das obras publicadas até hoje se refere preferencialmente à imigração de origem italiana, japonesa ou alemã.

Ora, para que se tornem possíveis as relações sociais – ou, nos termos bourdieunianos, “se dê o jogo” – é preciso que haja um “objeto de desejo” que motive os indivíduos e os leve “a respeitar as regras” desse “campo”:

“Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” (Bourdieu, 1983: 89)

Não seria a necessidade de reconstruir a identidade lusa no Brasil este *objeto de desejo* presente nas páginas de *Lusitania*? E em relação ao *habitus* de classe dos seus leitores, quais os elementos simbólicos que podem contribuir para sua identificação? Ora, o *habitus* não se resume ao conhecimento das regras do jogo apenas: além de representar o “*sistema das disposições socialmente constituídas*”, ele é “*produto da interiorização das estruturas objetivas*” do campo (Bourdieu, 1992: 191 e 201).

Assim, a utilização das categorias de *habitus* e *campo* na análise da colônia portuguesa no Rio de Janeiro – especialmente de sua parte que se expressa através da revista *Lusitania* – permite romper com o paradigma estruturalista sem incorrer na retomada de conceitos do individualismo metodológico, ao mesmo tempo em que situa a análise numa posição oposta à daquela visão reducionista que define o agente como mero suporte da estrutura social.

O objetivo de Bourdieu, ao construir a categoria de *habitus*, era evidenciar a criação, a atividade e a inventividade do agente, relacionando-as ao “conjunto de posses” socialmente incorporadas ao indivíduo, que ele definiria como *capital* (Bourdieu, 1989: 61). Ao se estudar o discurso e as representações de mundo presentes em *Lusitania* se estaria, portanto, identificando os elementos constitutivos deste *capital simbólico*, no *campo* mais abrangente da imigração portuguesa no Brasil.

Além disso, ao entender que o *habitus* funciona como um conjunto de estruturas “*que determinam a ação individual (...) sem a referência ‘necessária’ às crenças ou o conhecimento dessas especificidades por parte dos indivíduos (...)*” (Loesberg, 1993: 1038) que fazem parte dessas grandes estruturas (lingüísticas, políticas, sociais, religiosas, etc.), o pensamento bourdieuniano rompe com uma visão unívoca das sociedades, tão comum nos estudos formalistas.

Já em relação ao conjunto de posses que vai constituir o *capital*, é o universo social que vai delimitar, juntamente com as relações de poder, a estrutura desse *capital* e definir seu valor intrínseco, mesmo que este valor seja determinado por grupos que são externos ao *campo* em questão. No universo expresso em *Lusitania*, o *capital* considerado como válido parece ser o mesmo pertencente ao de setores mais conservadores, tanto da sociedade carioca quanto da sociedade portuguesa. E são justamente os valores ligados à tradição lusa que são reforçados em cada um de seus editoriais. Ali Portugal aparece como um país glorioso, que apesar de ser visto pelas outras nações européias como decadente, possui todas as qualidades intrínsecas e necessárias para ocupar um lugar de destaque no cenário internacional:

“O sentido de Portugal é o sentido do Atlantico - sonho irrevelado de mil aspirações torturadas e insatisfeitas - o sentido do mar, da expansão, da eternidade dos mundos, da aventura e da coragem, dos grandes feitos, da revelação e da conquista. (...)”

Andamos, ha oito seculos, a correr atraz de um sonho. E esse sonho é a nossa vida, o nosso sentido esthetico, moral, politico, literario, nacional. A idea da Patria, sonhada e defendida por Viriato muitos seculos antes da existencia de Portugal, veio até nós no canto dos poetas, vibratisada pelas espadas dos nossos guerreiros, espalhada e

engrandecida pela aventura dos descobridores. E a sua grandeza é o sonho da nossa gente, da nossa Raça. Foi elle que levou Vasco da Gama á India e trouxe Pedro Alvares Cabral ao Brasil. Foi elle, foi esse sonho de expansão e triumpho, que levou D. Sebastião á Africa, como symbolo da crença e do heroismo portugueses, e fez a arrancada do Bussaco e a epopêa de Aljubarrota.”⁷

Se o *habitus* gera a ação, ele também não obedece a regras objetivamente definidas, nem tampouco pode ser “adquirido” (do mesmo modo que o *capital*) por qualquer indivíduo, a seu bel-prazer, em qualquer momento. Seu possuidor só desempenha com desenvoltura seu papel nas relações sócio-simbólicas por ser um dos “jogadores” que conhece as “regras-habitus” do *campo*. E essas *regras*, em se tratando da elite da colônia portuguesa carioca, em boa medida estão estampadas nas 118 edições de *Lusitania*⁸, onde eram constantemente reafirmadas:

- 1) Portugal é uma nação possuidora de um passado grandioso;
- 2) embora pareça ter fenecido, a grandeza de Portugal encontra-se apenas adormecida;
- 3) é tarefa precípua dos cidadãos portugueses espalhados pelo mundo bradar aos quatro ventos essa grandeza;
- 4) uma das formas de fazer ver ao resto do mundo essa grandeza é divulgar a cultura, os valores e as tradições lusitanas;
- 5) além dos elementos culturais, a base da grandeza lusa é o trabalho e o perfil empreendedor do povo português (primeiro como colonizador, depois como imigrante).

Para Bourdieu as relações sociais podem ser vistas como interações simbólicas, mas as trocas lingüísticas, especialmente, “*são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus respectivos grupos*” (1996 a: 23-24). Não seriam essas relações de força aquelas presentes em *Lusitania*? assim, as atitudes e seu próprio discurso tem um sentido prático, carregado de eufemismos, paradoxos, contradições, hipérboles, altivez, eurocentrismo e arrogância, mas de um modo que parece ser não totalmente consciente, já que a fala e a ação são atos condicionados por inúmeros elementos independentes entre si, dos quais se destacam o *habitus* lingüístico e a estrutura do *mercado* lingüístico.

Ao estudar as relações entre linguagem e poder simbólico, Bourdieu afirma que qualquer palavra só tem sentido social quando inserida num discurso ou numa conjuntura lingüística. O detalhe, nesse caso, é que o sentido do discurso, assim como seu valor simbólico, é moldado pelo *mercado lingüístico*. Portanto, um dos meios possíveis de se compreender melhor um dos vários significados socialmente construídos do *ser imigrante português* no Rio de Janeiro é adentrar e esmiuçar o *mercado lingüístico* presente nas páginas de *Lusitania*.

Efetivamente, a tentativa de compreensão das implicações e efeitos simbólicos da linguagem deve, *a priori*, considerá-la como “*o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas*” (Bourdieu, 1996: 28). Por isso mesmo, a integração dos indivíduos numa mesma *comunidade lingüística* se torna a condição primordial para que se estabeleçam as relações de dominação simbólico-lingüística, e é essa comunidade que está estampada nas páginas de *Lusitania*.

⁷ Editorial, “O sentido de Portugal”, *Lusitania*, ano I, n. 4, 16 mar. 1929, p. 5.

⁸ Coleção completa disponível para consulta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Real Gabinete Português de Leitura, na mesma cidade.

O poder simbólico que se cristaliza através dos usos da linguagem, portanto, serve para corroborar outras formas de poder. Ele é “*uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada*” (Bourdieu, 1989: 15), e por isso sub-reptícia, desses outros poderes, e só pode ser exercido e reproduzido na medida em que existe um “*desconhecimento dos fundamentos verdadeiros da dominação*” (Bourdieu, 1994: 20).

Desse modo, é possível afirmar que o *poder de editar* uma revista é, em si mesmo, um ato de força dentro de jogo de poderes, fora do qual *ele* se torna incompreensível. *Lusitania* não pode ser vista somente como uma *revista-mercadoria*, publicada para que seus editores/diretores auferissem lucros como empresários da imprensa carioca: ela era uma *revista-fala*, uma *revista-discurso* que, por isso mesmo, deve ser lida e analisada sob um enfoque que pretenda ir para além de suas páginas.

Assim, cabe perguntar: qual era a imagem do *ser português* que a revista queria construir?

A partir da última década do XIX e durante toda a Primeira República se tornou comum, no Rio de Janeiro, um sentimento de antilusitanismo, especialmente pelo fato de os trabalhadores de origem portuguesa dominarem o mercado de trabalho no setor comercial e em várias atividades ligadas à manufatura e às atividades artesanais, ao mesmo tempo em que ocorria um “inchaço” populacional na cidade e as taxas de desemprego aumentavam. Sob esta perspectiva, como a própria linguagem da colônia portuguesa no Rio de Janeiro do entre-guerras foi se reelaborando em função e como expressão dessas relações de poder?

Como ler Lusitania?

“*Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal*”: era esse o dístico estampado logo abaixo da logomarca de *Lusitania*, no *box* do expediente, usualmente publicado no topo da quinta página da revista. Definição concisa e de uma precisão solene para o periódico que insinua uma série de possibilidades do *como ler* suas páginas. Na verdade, qual o sentido de se publicar uma “revista de propaganda” portuguesa - que traz também o *slogan* “*Pela Grandeza da Pátria, Pela Eternidade da Raça*” - na cidade do Rio de Janeiro?



Fig. 3 - Box do expediente do n. 75 de *Lusitania* (1º mar. 1932).

A primeira impressão que se tem, ao folhear suas edições, é que a comunidade luso-carioca tinha um forte sentimento de *identidade*⁹, intrinsecamente ligado às tradições orais, folclóricas e culturais de Portugal. Fala-se da História portuguesa, da literatura portuguesa, da arte portuguesa, dos intelectuais portugueses, dos tipos locais de Portugal, das paisagens e províncias portuguesas...

Um dos elementos recorrentemente considerado por vários autores como de grande importância na construção da *identidade* portuguesa é a saudade. É possível dizer, sobre os

⁹ Ou, talvez, sentia-se ameaçada nesta *identidade*, a qual tornava-se preciso consolidar e definir concretamente, mesmo que através das páginas de uma revista.

portugueses, que carregam em si uma saudade profunda mesmo daquilo que nunca foram. São povo marítimo, quase desterrado pela geografia montanhosa e pelo clima seco que fizeram sua agricultura tão insípida. Deste destino escaparam lançando-se ao mar, buscando realizar-se além das ondas que fustigam o Cabo de São Vicente. Mas tal busca, mesmo que encerrada, nunca se basta. Resta sempre uma incompletude, uma satisfação a preencher, um *não-sei-quê* que torna os portugueses seres enigmáticos e incompreendidos, apesar de sua conhecida facilidade em mesclar-se à cultura dos locais onde aportam.

Esse *não-sei-quê*, na acepção definida por Vasconcelos (1996: 31), trata-se de figura semântica chamada pós-moderna (Calabrese, 1988) e faz parte da cultura portuguesa desde suas origens e talvez não seja outra coisa senão a saudade. E é a *saudade* que constrói não só a unidade do povo português, mas também a "*identidade*" do sujeito português enquanto indivíduo, especialmente depois que fenece o brilho do vasto Império Colonial espalhado pelos quatro cantos do mundo e as fronteiras da Nação Lusa começam a encolher absurdamente, ainda no século XIX.

A saudade, embora presente na literatura lusitana desde autores anteriores a Camões, dentre os quais se destaca, sem dúvida, D. Diniz, chegou até nossos dias como uma construção do romantismo oitocentista. Se antes, ainda na Idade Média, era vista como "*uma aflição da alma*" (Lourenço, 1999: 26), já em meados do XIX adquiriu a aura de um retorno mítico a algo perdido de fato na circunstancialidade do mundo moderno. Os portugueses têm a consciência da temporalidade da existência, tal qual afirma Lourenço (1999: 34), mas buscam uma completude inalcançável, na qual possam efetivar-se enquanto motor de sua própria História. Daí a associação entre a saudade portuguesa e a emotividade do imaginário romântico, marcado pela melancolia e pela tristeza, que só serve para reforçar essa própria saudade.

Na pintura romântica o homem é quase sempre apresentado à grandeza indomável da natureza, frente à qual costumeiramente se mostra ou a possibilidade de contemplação nostálgica com ar de *déja vu* de uma era mais bucólica - em contraposição à escalada tecnicista da Revolução Industrial de meados do oitocentos - ou de confrontação do indivíduo consigo mesmo, numa opressiva solidão que não encontra solução nem mesmo na autocontemplação, já que "*o sono da razão produz monstros*"¹⁰ que nem mesmo a natureza pode ajudar a exorcizar.

A saudade portuguesa não quer voltar ao passado. Sua nostalgia é outra. Na verdade, deseja trazer o passado ao presente, revivendo-o em seu caráter mítico. É através da saudade que vai se reconstruir a glória perdida dos tempos de Alcácer-Kibir, da formação do Condado Portucalense ou mesmo da resistência aos invasores romanos. Chega a parecer que é somente através desta saudade que pode se tornar possível a construção da *identidade* do sujeito português. Se não houver referência a ela não se completa o ciclo, não se tem a consciência de a que se veio. Essa construção é intrinsecamente romântica, justamente por representar uma tentativa de ressurreição mítica de uma glória perdida nas vagas oceânicas de eras mais heróicas.

Desse modo, pode-se afirmar que a saudade, tal qual se apresenta na cultura lusitana, é construção simbólica essencialmente portuguesa. Segundo Eduardo Lourenço, ao falar de seus conterrâneos, "*com a saudade, não recuperamos apenas o passado como paraíso; inventamo-lo*" (1999: 14). E essa invenção seria parte intrínseca do *ser português*. Camões já assim fazia quando em Portugal nem se cogitava a possibilidade de o país vir a ser a pálida sombra daquele Império Ultramarino que teve seu fulgor imortalizado n' *Os Lusíadas*. Tal *concepção saudosa* do mundo, enraizada na memória de uma glória passada, ficava mais evidente ainda em certos

¹⁰ Título d'uma das mais famosas gravuras de Goya, da série dos *Caprichos*.

sonetos camonianos, onde essa saudade de um tempo “que não torna mais” já era percebida e, segundo Lourenço, tornou-se uma tentativa de “*sonhar simultaneamente o futuro e o passado*” (2000: 28). Tal idéia permeou o *ser português* desde o XIX, incontestavelmente, e talvez uma das melhores formas de percebê-la seja a literatura lusitana: ela está de modo extremamente perceptível no *Viagens na minha terra* (1846) de Almeida Garret.

Já na década de 1910 foi Teixeira de Pascoaes que cristalizou essa onipresença da saudade na cultura portuguesa, com sua formulação do *saudosismo* como traço essencial da alma lusa. Pascoaes chegou a afirmar que a saudade “*é a personalidade eterna da nossa Raça: a fisionomia característica, o corpo original com que ela há-de aparecer entre os outros Povos*” (1988: 25). Em outras palavras: a partir de Pascoaes, o *ser português* está intrinsecamente amalgamado à condição de *ser saudoso*. Sob tal acepção, é possível inferir que o sentir saudades, portanto, talvez seja uma forma de *habitus* pertencente aos portugueses, seja em Portugal ou no Brasil.

Essa característica identificada por Pascoaes vai dar alento aos migrantes lusitanos do início do novecentos para que recriem, no além-mar, pedaços da *terrinha portuguesa* deixada para trás¹¹. São os “alfacinhas” lisboetas que se tornam “pés-de-chumbo” na capital brasileira; são os rudes camponeses alentejanos e minhotos que se comprimem como sardinhas - iguaria tão lusitana... - nos cortiços das Ruas da Prainha e da Quitanda no centro do Rio de Janeiro; são esses homens e mulheres que vão, de início, tentar reelaborar sua identidade no trópico tupiniquim, fundando clubes, associações de socorro mútuo, jornais e revistas.

Já no início do XX essa “*condição saudosa*” do povo português era entendida por Pascoaes como uma experiência emotiva tanto individual quanto universal, já que expressava a dramaticidade da existência “*numa permanente tensão entre Ser e existir*” (Teixeira, 1998). Essa condição transcende o círculo da individualidade, pois assume concomitantemente uma dimensão ontológica e metafísica: o saudosismo representa a possibilidade de advir uma *nova era lusíada*, embora represente também a existência de uma “*condição dolorosa*” deste homem-saudoso (Teixeira, 1998).

Não seria válido, portanto, afirmar que a saudade, como manifestação cultural, é partícipe do processo de construção do *ser português*, seja em Portugal ou no desterro ultramarino? Seria mesmo tão forte sua presença que poderia influenciar recorrentemente a produção cultural portuguesa? E sendo uma imagem recorrente entre os portugueses, ela não poderia ser “adequada” ao discurso de *Lusitania*? A saudade poderia ser vista, assim, como um elemento importante no *campo cultural* dos imigrantes, pois condicionaria grande parte de suas manifestações culturais, já que ela passaria a ser entendida, de modo quase consensual, “*como sinônimo de portugalidade*” (Feldman-Bianco, 1992: 36).

Assim, a *saudade* trata-se de elemento preponderante na construção de uma das camadas da *identidade* do povo português. Não se pode *ser português* sem, ao menos, compreender o que é a saudade no contexto social e cultural de Portugal ou das comunidades portuguesas espalhadas mundo afora.

Nesse sentido, uma das imagens recorrentes presentes em *Lusitania* é justamente aquela da *saudade* de algo que não mais existe, mas é preciso retomar a todo instante:

“Cada português é um soldado da Patria, um escravo das suas tendências e ideais. Em qualquer parte onde viva, está ali, na sua casa, no pedaço de terra que cultiva,

¹¹ Embora essa recriação não seja característica apenas dos migrantes portugueses, mas sim de quase todos os grupos migratórios ao chegar em novas terras (Sayad, 1998).

no palacio ou na choupana, um pedaço de Portugal. Cavalleiros andantes da aventura, nada nos impede a marcha e a gloria. (...) Triumphamos na Europa, na Asia, em todas as nações e em todos os continentes. Portugal, o Portugal Maior do nosso sonho de patriotismo, abrange, no seu ideal, toda a face da Terra. É immenso como a fé, grande e eterno como o nosso amor!

O sentido das coisas, o sentido das almas, o sentido das patrias! O sentido de Portugal está marcado pelo passado. Foi rasgado pelas naus das Descobertas. (...)”¹²

A história de Portugal nas “Noites do Avôzinho”

Publicada a partir da 75ª edição de *Lusitania*, lançada em 1º de março de 1932, a coluna “As noites do avôzinho - Contos da História de Portugal para crianças e adultos” era assinada por José Agostinho e organizava-se em torno de uma tradição de raízes medievais: a narração de histórias por anciões às gerações mais novas, quase sempre ao entardecer, justo quando o cansaço da labuta fazia-se sentir e aproximava-se a hora de recolher-se e dormir. Tradição camponesa, sem dúvida, especialmente se remetermos às análises de Walter Benjamin ou Robert Darnton, mas cuja presença num periódico à princípio voltado a um público urbano demonstra a necessidade de construir laços com uma herança cultural “comum” a todos os portugueses e, por isso mesmo, de recepção assegurada entre os leitores de *Lusitania*.

Logo na primeira coluna da série transparecem as qualidades que se pretende realçar na personalidade do povo luso: honra, bravura, coragem, dignidade, astúcia e espírito livre. Tais traços de caráter já estão na personalidade de Viriato e seus companheiros, guerreiros da antiga Lusitania que resistem à invasão romana graças a essas qualidades, em contraposição aos covardes e opressores generais romanos e seus legionários mercenários.

Assim, quinzenalmente, o imaginário em torno do heróico povo português vai se reforçando nas histórias que o avô conta a seu jovem neto, ávido por saber mais de sua terra e seus ancestrais: da resistência à Roma na Antiguidade se passa ao Condado Portucalense na Idade Média e aos grande heróis da formação da Nação Lusa. Assim, vão sendo apresentados Afonso Henriques, Esgas Moniz, D. Sancho I, D. Manuel I e tantos outros vultos e feitos, passando pela expansão marítima e conquistas em África e na América.



Fig. 4 - “Guerreiros da Antiga Lusitania”, ilustração da 1ª coluna das “Noites do Avôzinho”, *Lusitania* nº 75, 1º mar. 1932.

¹² Editorial, “O sentido de Portugal”, *Lusitania*, ano I, n. 4, 1º fev. 1929, p. 5.

Um traço comum a toda essa narrativa é a supressão de conflitos internos: o povo português aparece como um bloco coeso, que possui um ideal em comum, que é fazer de sua pátria uma grande nação, sob a égide do cristianismo. Mesmo nos episódios da Antigüidade pré-cristã, as qualidades como piedade, honradez e correção de caráter são mostradas como inerentes aos habitantes da Península Ibérica. A partir da cristianização do território, defender a Fé a todo custo passa a ser também um elemento da personalidade lusa, que se consolida nas batalhas de reconquista com os mouros e se renova na evangelização do Novo Mundo.

Mesmo quando são apresentados personagens despóticos, como D. Afonso III, sua conduta era justificada pela necessidade de garantir a unidade portuguesa. No caso deste monarca, havia a ameaça da tirania papal sobre a soberania lusa, o que devia ser combatido com uma firme guante, que só um governante centralizador e autoritário poderia fazer. Nesse sentido também, sempre que aparecem intrigas e articulações de bastidores com o objetivo de depor governantes, tais arranjos políticos são mostrados como indispensáveis à manutenção da unidade portuguesa. Pode-se mesmo identificar aí certo interesse em justificar o salazarismo por meio de uma História construída a partir de grandes líderes. Não seria de todo improvável tal vinculação do discurso histórico de *Lusitania* aos rumos políticos que se delineavam então em Portugal.

É de se imaginar, portanto, que a leitura desses contos da História de Portugal, feita do outro lado do Atlântico, dentro dos lares dos imigrantes lusos bem sucedidos na aventura brasileira, tivesse algum efeito sobre a (re) construção de uma identidade que precisava ser reafirmada frente às dificuldades cotidianas, que nem sempre eram somente de ordem subjetiva mas sim, usualmente, de fundo prático. À todo momento a imprensa carioca desdenhava do infortúnio dos imigrantes. Werneck Sodré chegou a destacar o tom lusóforo de algumas matérias veiculadas então: *“A patriótica febre amarela matou, pelo correr da semana, 110 portugueses”* ou *“O português António Manuel da Silva ficou, sábado último, com a perna esquerda esmigalhada pela roda de um bonde das Laranjeiras. Pobre roda!”* (Sodré, 1983: 264).

No final dos anos 30 ainda era possível perceber o alto grau dessa lusofobia no Rio de Janeiro em escritos de jornalistas como Luiz Edmundo, que denunciava a predominância de empreendedores portugueses em todos os ramos comerciais da cidade: *“A grei, diga-se logo sem rebuços, e a espanto, talvez, dos que desconhecem as tradições que nos vêm dos velhos tempos coloniais, é o honrado comércio desta praça (como ele habitualmente se proclama), comunidade poderosa, onde os filhos da terra surgem, apenas, em minoria lastimável, bando de negociantes iletrados, todos comendadores, semideuses na América e que acumulam à nobreza de todas essas distinções, postos de qualidade na Maçonaria e nas Ordens Terceiras”* (Costa, 1938, vol. III: 1055).

Mais do que justificável, portanto, o discurso histórico das “Noites do Avôzinho”... O que se torna relevante, na verdade, é o fato de que em *Lusitania* se pode encontrar, claramente, um dos vários modos de mediação e interação social presentes na (re) construção da “identidade” reivindicada, ao menos no plano do imaginário, por uma parcela significativa da colônia luso-carioca. Por tratar-se de um veículo editorial voltado para as classes média e média alta desta colônia, este processo de (re) construção torna-se ainda mais interessante e repleto de camadas, dobras e penumbras que instigam sua decifração.

Referências

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*: volume 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 215-287.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1974].

_____. *Lições da aula*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. Lisboa/ São Paulo: Martins Fontes, 1988 [1987].

CHALHOUB, Sydney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Luiz Edmundo. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 3 vols. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Campinas, vol. 9, n. 1, 1992, p. 35-49.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 [1973].

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* Rio de Janeiro: FGV, 1999.

LOESBERG, Jonathan. Bourdieu and the Sociology of Aesthetics. *English Literary History*, Baltimore, vol. 60, n. 4, 1993, p. 1033-1056.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade (seguido de Portugal como destino)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

_____. *O labirinto da saudade*. 6. ed. Lisboa: Gradiva, 2000 [1978].

PASCOAES, Teixeira de. *A saudade e o saudosismo* (dispersos e opúsculos). Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

PEREIRA, Mirian Halpern. *A política portuguesa de emigração* (1850 - 1830). 2ª ed. aumentada. Bauru: Edusc; Lisboa: Instituto Camões, 2002 [1981].

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TEIXEIRA, Dulcínea. A filosofia portuguesa depois de 1910: Teixeira de Pascoaes. *Filosofia portuguesa*. Lisboa: Instituto Camões, 1998. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/>>. Acesso em: 25 ago. 2000.

VASCONCELOS, Carolina Michäelis de. *A saudade portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1996